

UM ENCONTRO ENTRE DURKHEIM E HURSEL NO MUNDO DA VIDA: UMA LEITURA A PARTIR DE EDWARD ASHOD TIRYAKIAN

Alexandre Paz Almeida¹

Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Parnaíba. Parnaíba-Pi, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8840-1826>

E-mail: alexpazalmeida@phb.uespi.br

RESUMO

Neste artigo, pretendemos demonstrar a possibilidade de comparação entre o pensamento sociológico de Émile Durkheim e a fenomenologia de Edmund Husserl. Durkheim e Husserl são pensadores inseridos em epistemologias relativamente divergentes, principalmente quando comparados no âmbito das tradições empirista e racionalista, que usualmente estabeleceram princípios teóricos acerca da origem do conhecimento: no caso do empirismo, este é fruto da experiência; no racionalismo, da razão transcendental. Nesse sentido, o sociólogo norte-americano Edward Ashod Tiryakian (1978, 1979, 2009) identificou semelhanças metodológicas entre o pensamento de Durkheim e Husserl, tendo em vista a compreensão das intersubjetividades vivenciadas no mundo da vida (Lebenswelt) e dos significados simbólicos construídos sobre as experiências dos indivíduos na vida cotidiana, tema também analisado por Alfred Schutz em sua sociologia fenomenológica. Nossas considerações, desse modo, buscam apresentar reflexões desenvolvidas por Tiryakian a respeito dessa comparação improvável entre Durkheim e Husserl

Palavras-chave: Émile Durkheim, Edmund Husserl, Edward Tiryakian, Alfred Schutz. Lebenswelt.

ONE MET BETWEEN DURKHEIM AND HURSEL IN THE WORLD OF LIFE: A READING FROM EDWARD ASHOD TIRYAKIAN

ABSTRACT

This article, we intend to demonstrate the possibility of comparing the sociological thought of Émile Durkheim and the phenomenology of Edmund Husserl. Durkheim and Husserl are thinkers within relatively divergent epistemologies, when compared in empiricist and

¹ Professor adjunto do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus de Parnaíba. Titulação: Mestre e Doutor em Sociologia PPGS/UFPB. Professor Adjunto do Curso de Ciências Sociais da (UESPI). <https://orcid.org/0000-0001-8840-1826>

rationalist traditions, which usually established theoretical principles from which knowledge comes, in the case of empiricism, result of experience, and rationalism, from transcendental rational logic. In this sense, the North American sociologist Edward Ashod Tiryakian (1978, 1979, 2009) managed to understand methodological similarities between the thoughts of Durkheim and Husserl, with a view to understanding the intersubjectivities of the world of life (Lebenswelt) and the symbolic meanings constructed on the experiences of individuals in everyday life, previously also analyzed by Alfred Schutz in his phenomenological sociology. Our considerations seek to present reflections developed by Tiryakian regarding the unlikely comparison between Durkheim and Husserl.

Keywords: Émile Durkheim, Edmund Husserl, Edward Tiryakian, Alfred Schutz, Lebenswelt.

UN ENCUENTRO ENTRE DURKHEIM Y HURSELL EN EL MUNDO DE LA VIDA: UNA LECTURA BASADA EN EDWARD ASHOD TIRYAKIAN

RESUMEN

En este artículo, pretendemos demostrar la posibilidad de comparar el pensamiento sociológico de Émile Durkheim con la fenomenología de Edmund Husserl. Durkheim y Husserl son pensadores inmersos en epistemologías relativamente divergentes, especialmente si se comparan dentro de las tradiciones empirista y racionalista, que generalmente establecieron principios teóricos sobre el origen del conocimiento: en el caso del empirismo, es el resultado de la experiencia; en el racionalismo, de la razón trascendental. En este sentido, el sociólogo estadounidense Edward Ashod Tiryakian (1978, 1979, 2009) identificó similitudes metodológicas entre el pensamiento de Durkheim y Husserl, considerando la comprensión de las intersubjetividades experimentadas en el mundo de la vida (Lebenswelt) y los significados simbólicos construidos sobre las experiencias de los individuos en la vida cotidiana, un tema también analizado por Alfred Schutz en su sociología fenomenológica. Por lo tanto, nuestras consideraciones buscan presentar las reflexiones desarrolladas por Tiryakian sobre esta improbable comparación entre Durkheim y Husserl.

Palabras clave: Émile Durkheim, Edmund Husserl, Edward Tiryakian, Alfred Schutz. Lebenswelt.

INTRODUÇÃO

Prendemos, neste artigo, fazer algumas observações metodológicas a respeito da relação epistêmica entre Émile Durkheim e Edmund Husserl, a partir das reflexões pioneiras do sociólogo norte-americano Edward Ashod Tiryakian. Tiryakian nasceu em 1929, foi professor de sociologia em várias universidades dos Estados Unidos, se aposentou em 2004 pela Universidade da Carolina do Sul e faleceu em fevereiro de 2025 aos 95 anos de idade.

É interessante tentar aqui demonstrar esta relação pouco explorada entre o pensamento sociológico de Durkheim e a fenomenologia de Husserl, principalmente sabendo que ambos, aparentemente, estavam de lados opostos no universo epistemológico. Se tradicionalmente Durkheim é lido enquanto um pensador positivista que olhava a funcionalidade normativa da sociedade acima do indivíduo e a sociologia como uma ciência que promoveria a resolução das patologias sociais, Husserl viu na consciência individual os processos reflexivos que elucidam e determinam a natureza fenomenológica das coisas.

Em A ideia da fenomenologia, Husserl descreve sobre seu novo método que proporciona analisar os significados das coisas tal como são disponíveis à consciência. Esta coisa não é algo exterior ao indivíduo, mas faz parte do cogito, ou seja, da própria significação do ato racional do pensar e sua capacidade intencional inerente à consciência, para Husserl (1975, p. 23) “[...] o aprender e o ter intuitivos e diretos da *cogitationes* são já um conhecer”. Este conhecer que Tiryakian busca aproximar Durkheim da fenomenologia, considerando os fatos sociais segundo as experiências intersubjetivas de cada indivíduo e porventura suas interpretações no mundo da vida.

O mundo da vida (*Lebenswelt*) se torna fundamental para se refletir os *approach* teóricos que Tiryakian consegue enxergar entre Husserl e Durkheim, bem como elemento essencial das representações coletivas e individuais que possibilita um olhar metodológico de apreciação das estruturas da vida cotidiana, assim como os indivíduos pensam e agem nestas estruturas repletas de significados. Desse modo, ressaltamos que nossa intenção é trazer algumas considerações metodológicas, tendo em vista apontar a viabilidade teórica desenvolvida por esses pensadores em um campo de apreciação empírica.

Pensadores como Alfred Schutz, por exemplo, que será brevemente discutido neste texto, foi um dos pioneiros a conseguir demonstrar uma aplicabilidade da fenomenologia de Husserl na interpretação da vida cotidiana e suas estruturas simbólicas. A visão de Schutz, semelhante com a de Tiryakian, tenta agregar a fenomenologia e a sociologia na utilização

epistemológica de observação social, sobretudo nos processos de interações entre o *eu-outro*, mediadas por redes intersubjetivas².

Entre Durkheim e Husserl: ou a consciência exterior do mundo da vida

Agnes Heller (2008) compreende que a experiência da vida se faz por “imposições” legadas ao indivíduo na temporalidade histórica do cotidiano. Falamos de imposição enquanto aceitamos certas condições rotineiras que podem ou não ser compulsórias e espontâneas. Trata-se, de alguma forma, de estruturas subjetivas e objetivas cujo conteúdo simbólico e imaginário, alinhado à percepção da realidade, incide sobre os processos de dominação, repressão, contenção e poder, permitindo-nos pensar e interpretar o real da vida cotidiana à qual estamos acostumados e conformados (HELLER, 2008).

Essa interpretação tende a corroborar ramos distintos do conhecimento científico e filosófico e, ao mesmo tempo, assume relevância quanto aos significados atribuídos à compreensão linguística, fenomenológica e hermenêutica, principalmente entre pensadores que propõem consistência ao debate sobre como age a consciência do sujeito e como este conduz suas ações e atos espontâneos em um fluxo contínuo da história (GADAMER, 1997).

Esse tipo de reflexão faz parte de um olhar metodológico alicerçado em dois tipos ideais³, de fundamentos epistemológicos que mantêm vínculo com a chamada virada linguística e fenomenológica, sobretudo nas escolas que encontraram em Ludwig Wittgenstein e Edmund Husserl seus principais expoentes.

Tais análises compreendem que a consciência do sujeito se abastece de modelos reflexivos, porém limitados a imperativos adquiridos, seja no campo do aprendizado linguístico, seja por meio de fenômenos produzidos intencionalmente no ato espontâneo de

² Schutz e Tiryakian demonstraram que o pensamento de Husserl também compreende, além das intersubjetividades, os processos linguísticos interdependentes entre o sujeito e a sua relação com o mundo da vida.

³ Aqui usamos tipo ideal segundo a concepção de Max Weber (WEBER, 2000), enquanto instrumento de análise metodológica para uma aproximação lógica de interpretação dos fenômenos sociais.

pensar, disposto na estrutura reflexiva do indivíduo, mas que se mantém vinculado aos significados disponíveis no mundo interacional da vida ordinária.

Essa reflexividade, conforme Tiryakian (1979), define o esquema metodológico da fenomenologia husserliana, ao reconhecer que a intencionalidade consiste na ideia de que a consciência do sujeito é sempre consciência de algo que se encontra exterior. Assim, Tiryakian refletiu sobre um aspecto pouco explorado na intencionalidade fenomenológica: a compreensão dos fenômenos sociais, sobretudo das intenções pelas quais os indivíduos direcionam sua atenção aos significados dos objetos e de suas relações sociais.

Os significados, na fenomenologia husserliana, embora focados na consciência individual e na experiência construída na subjetividade do mundo da vida, carregam também dimensões intersubjetivas que tornam as experiências socialmente compartilhadas. Essas experiências fazem parte dos atos nos quais a intuição fenomenológica corresponde à ação da consciência ao perceber o objeto e o mundo exterior; ou seja, a consciência reflete sobre aquilo que se encontra fora dela e, por meio desse processo, torna a coisa parte do eu.

Pensando a partir da redução fenomenológica de Husserl (1975), a consciência adquirida, estabelecida numa relação recíproca entre sujeito e objeto, viabiliza a expansão criativa do indivíduo em atos espontâneos, porém intencionais, de reflexão e pensamento. Isso significa que o sujeito reflexivo, na fenomenologia husserliana, está, conseqüentemente, em direção a um exercício contínuo de autoimagem e retorno a si. Logo, a consciência, para Husserl (1975), possui o poder da reflexividade, por meio do qual o sujeito se afirma e recria sua condição existencial.

Há, na redução fenomenológica de Husserl (1975), como aponta Alfred Schutz (2018, 1979), especialmente em sua interpretação do “cenário cognitivo do mundo da vida”, bases fenomenológicas para o entendimento da estrutura da vida social, particularmente da vida cotidiana.

Não obstante, para Husserl (1975, 2000), para além da aparência óbvia de uma máxima como “todo ato de pensar e todo pensamento é sempre a consciência de alguma coisa”, o autor analisa que o conhecimento se produz a partir das experiências partilhadas pelo sujeito no fluxo contínuo da vida. Trata-se de uma tentativa de compreender o que é e como se funda

o conhecimento do sujeito, segundo suas interpretações conscientes na experiência cognoscível do mundo da vida, bem como apreender seus significados. Schutz (1975) nos mostra que esse mundo da vida também funda a vida cotidiana, na qual a biografia do indivíduo se constitui por meio de experiências subjetivas e objetivas, de forma recíproca.

A subjetividade e a objetividade, que Husserl (1975, 2000) compreende a partir da redução fenomenológica, colocam em evidência as experiências subjetivas intencionais da consciência individual, em consonância com o mundo exterior disponível a cada sujeito, o qual mantém uma estrutura simbólica, imaginária e/ou objetificada na reciprocidade entre o eu e o outro, entre a consciência e o objeto. Deduzimos que a fenomenologia husserliana busca demonstrar os processos criativos do conhecimento adquirido conscientemente pelo indivíduo, em sua relação contínua com o mundo da vida, no âmbito do eu-nós — isto é, nas experiências compartilhadas e apreendidas na vida ordinária (WAGNER, 1979).

Toda a vivência intelectual e toda a vivência em geral, ao ser levada a cabo, pode fazer-se objeto de um puro ver e captar e, neste ver, é um dado absoluto. Está dada como um ente, como um isto-aqui (*Dies-da*), de cuja existência não tem sentido duvidar (HUSSERL, 2000, p. 55-56).

É simultaneamente nesse puro ver e captar, no isto-aqui e isso-acolá, que Husserl (2000) analisa os processos intencionais da razão real-objetiva (noesis: ato de perceber) e do simbólico-subjetivo (noema: o objeto ou a coisa representada), conservados nas experiências intersubjetivas dos sujeitos.

Nesse sentido, a história, a memória, os vínculos de afinidade, assim como as redes de solidariedade e sociabilidade, dispõem-se ao ator social segundo motivações e predileções de uma consciência interdependente do outro, em consonância com a experiência e a visão de mundo agregadas aos atos do pensamento intersubjetivo, a serviço do e para o sujeito, em uma relação de reciprocidade entre noesis e noema. Noesis e noema são entendidos aqui, na perspectiva de Tiryakian (1978, 1979), como parte da fenomenologia husserliana que explora as dimensões transcendentais da vida social e os processos ontológicos que fundam o mundo interacional a partir dos atos intencionais da consciência individual (noeses) sobre aquilo que é observado exteriormente (noema).

Tiryakian entende que a fenomenologia agregaria valor epistemológico às ciências sociais, ampliando uma visão mais holística capaz de integrar tanto as estruturas da sociedade quanto os significados que os indivíduos atribuem às experiências cognoscíveis em seu interior. Esses significados compõem a síntese teórica proposta por Tiryakian entre o estrutural-funcionalismo de Durkheim e a fenomenologia de Husserl, aplicados às experiências subjetivas e objetivas na díade indivíduo-sociedade. Em síntese, trata-se de um esforço metodológico no qual a sociologia de Durkheim e a fenomenologia de Husserl se articulam para aprofundar tanto o estudo dos sistemas funcionais da sociedade quanto os processos subjetivos inerentes aos indivíduos.

A relação entre estrutura social e agência individual também integra a tradição das epistemologias que, direta ou indiretamente, descendem do pensamento positivista-funcionalista, sobretudo da sociologia de Durkheim e de sua concepção da exterioridade funcional dos fenômenos sociais, conforme os substratos da consciência coletiva e individual, ou seja, conforme a definição durkheimiana de fato social (DURKHEIM, 1997).

É a partir desse olhar sobre o fato social durkheimiano que Tiryakian (1978, 1979, 2009) aponta convergências entre Durkheim e Husserl, ao identificar uma espontaneidade atribuída aos atos intersubjetivos da consciência coletiva. Desse modo, os atos representativos da consciência, que facultam a experiência do sujeito em relação ao objeto em Edmund Husserl, são análogos, segundo Tiryakian, à interpretação das representações da consciência coletiva em Durkheim.

Cabe ressaltar que, embora Durkheim tenha direcionado seu projeto sociológico para demonstrar formas de manutenção de determinadas disposições consensuais — especialmente no que diz respeito a valores, regras e afinidades morais entre sociedade e indivíduo (DURKHEIM, 1996, 1999) —, as intersubjetividades são visíveis nos processos funcionais das solidariedades orgânica e mecânica, como demonstra Tiryakian (1978) em obras seminais como *Da divisão do trabalho social* e *As formas elementares da vida religiosa*.

[...] has a fundamental continuity with the development of Durkheim's thoughts; in fact, in some respects, it is the culmination of themes he had broached in his earliest essays. In particular, Durkheim had in 1896 outlined the profound interrelationship and interdependence of religion, morality, and social organization, and these themes are the contextual background of his 'middle period'. The background comes to the fore in *The Elementary Forms*, which should be properly seen as much more

than a study of the social structures of religion: it is an investigation into the essential structures of social consciousness (TIRYAKIAN, 1978, p. 27)⁴.

Trata-se de representações do eu-outro conscientemente compartilhadas, configurando uma noção intersubjetiva e interpessoal do eu-nós em um contexto social específico. Conseqüentemente, Durkheim (1996) observou que as representações coletivas são concebidas de modo a gerar um sistema funcional relativamente coeso e normativo, em virtude das pressões coercitivas exercidas pelas leis e pelas regras morais, que podem ou não se cristalizar em determinado grupo ou sociedade.

Todavia, como lembra Tiryakian (1979), há uma proximidade entre o pensamento de Durkheim e o de Husserl, sobretudo ao se compreender que as representações coletivas, assim como a intencionalidade da consciência, são compostas por símbolos exteriores ao sujeito. Tais símbolos produzem emoções e possíveis formas de solidariedade, que podem ser identificadas tanto nas representações coletivas durkheimianas quanto nas sensações exteriores que integram a noção husserliana de *hylé*, isto é, os processos subjetivos que compõem a percepção.

[...] há bases intrigantes de convergência entre Durkheim e Edmund Husserl, o fundador da moderna Filosofia Fenomenológica, nascido um ano depois de Durkheim; ambos buscaram um fundamento transcendental para o conhecimento e a razão, e ambos buscaram uma consciência transcendental que não se voltasse para “o outro mundo”. Durkheim buscou essa transcendência na *conscience collective* “a mais alta forma da vida psíquica”, já que é a consciência da consciência. Husserl encontra-a, inicialmente, no ego transcendental; em seus últimos anos, porém, parecia gravitar cada vez mais para posição durkheimiana (TIRYAKIAN, 1979, p. 284) *grifos do autor*.

Ainda segundo Tiryakian (1978, 1979), o conceito de *Lebenswelt*, interpretado como “mundo da vida” na fenomenologia de Husserl, mantém analogia com a noção de *conscience collective* em Durkheim, uma vez que ambos buscam estabelecer princípios apriorísticos para a compreensão de uma consciência transcendental. Tal aproximação resulta, sobretudo, da

⁴ [...] existe uma continuidade fundamental com o desenvolvimento do pensamento de Durkheim, na verdade, em alguns aspectos, é o culminar de temas que ele estudou nos seus primeiros ensaios. Em particular, Durkheim delineou em 1896 a profunda interrelação e interdependência da religião, da moralidade e da organização social, estes temas são o pano de fundo contextual do seu “período intermediário”. O pano de fundo se encontra em *As Formas Elementares*, que deveria ser visto como muito mais do que um estudo das estruturas sociais da religião: é uma investigação sobre as estruturas essenciais da consciência social (Tiryakian, 1978, p. 27). *Tradução livre nossa*.

influência kantiana em seus fundamentos metodológicos de apreensão da realidade — neste caso, de natureza transcendental.

Há, portanto, um diálogo entre a fenomenologia husserliana e a sociologia durkheimiana, mesmo diante de aparentes divergências metodológicas, frequentemente tensionadas no campo das ciências sociais, como observa Tiryakian (1979), sobretudo quando tais autores são reduzidos a tradições filosóficas específicas — Durkheim ao positivismo e Husserl à fenomenologia.

Para Tiryakian (1979), tanto Durkheim quanto Husserl sustentaram o projeto de estabelecer um método de apreensão da realidade a partir das essências dos fenômenos exteriores à própria consciência, seja coletiva, seja individual — projeto este igualmente marcado pela influência dos imperativos categóricos kantianos. Nesse sentido, Tiryakian (1979, p. 283) argumenta que as representações sociais, produzidas pela consciência coletiva em Durkheim, apresentam semelhanças com os *noemata* em Husserl, na medida em que constituem estruturas *a priori* formadas em um mundo social disponível ao indivíduo. Do mesmo modo, as estruturas do pensamento seriam *a priori*, pois sua natureza é coletiva e transcende a vontade individual.

Desse modo, ao tratar os fenômenos sociais como fatos sociais — exteriores à vontade individual e sustentados por julgamentos coercitivos —, Durkheim os compreende como realidades fenomênicas, em um sentido próximo ao empregado por Husserl (TIRYAKIAN, 1979). Tiryakian identifica, no que concerne ao mundo da vida e às representações coletivas — assim como na própria noção, aparentemente abstrata, dos fenômenos sociais tomados como “coisa” —, uma estrutura metodológica análoga, orientada à interpretação da realidade social por meio das experiências sensíveis dos sujeitos, sejam eles coletivos ou individuais. Essas experiências podem ser reduzidas eideticamente, como em Husserl, ou tratadas como “coisas”, conforme propõe Durkheim ao formular o conceito de fato social, como sintetiza Tiryakian (1979, p. 42):

When Durkheim said the sociological attitude must treat these phenomena as ‘things,’ he clearly meant not that social phenomena are to be treated as if they were in the same domain as physical ‘entities’ but that they must be approached free from the prejudices of the natural attitude which makes naive assumptions as to how social phenomena are constituted. Hence his injunction ‘all preconceptions must be eradicated’ is of the same methodological import as Husserl’s dictum, ‘to the things

themselves;’ in both, there is an emphasis on the bracketing of the natural attitude if we are to go behind appearances to the ground of reality⁵.

Analisar os fenômenos sociais para além das “entidades físicas”, no pensamento sociológico de Durkheim, como mostra Tiryakian, parece ampliar a teoria durkheimiana para um campo de compreensão que ultrapassa seus vínculos epistemológicos com a objetividade positivista, ao mesmo tempo em que evidencia uma perspectiva voltada às subjetividades inerentes aos fenômenos sociais, ainda que tratados como “coisa”.

Essa “coisa”, exterior ao sujeito, da qual fala Durkheim, possibilita ultrapassar a visão simplificada da atitude natural e de suas concepções preestabelecidas. De modo semelhante, Husserl defendia que as coisas em si devem ser apreendidas em sua própria condição fenomênica no mundo exterior, isto é, como disponíveis à interpretação e à atribuição de sentido pela consciência do sujeito. Nesse sentido, tanto em Durkheim quanto em Husserl, o sentido do ser (indivíduo) e do fenômeno (social) revela-se indissociável.

A partir das ideias de Tiryakian, buscamos descrever essa aproximação pouco provável entre a fenomenologia husserliana e a sociologia durkheimiana, bem como seu caráter inovador ao evidenciar semelhanças metodológicas entre esses dois pensadores, sobretudo quando se pretende compreender a realidade social em suas estruturas fenomênicas e na viabilidade dos significados intersubjetivos no mundo da vida (*Lebenswelt*).

Tiryakian (1979, p. 293) também destaca a sensível percepção de Durkheim ao compreender que esse mundo da vida agrega experiências de “sentimentos e afetividades repletos de símbolos compartilhados em estados de afetividade coletiva, como, por exemplo, credos religiosos, orações etc.”. Assim, compreendemos que, no projeto sociológico durkheimiano, há uma intenção de analisar a dinâmica social da vida cotidiana sob um olhar que, como observa Tiryakian (1979, 2009), valoriza os fenômenos sociais das emoções e das

⁵ Quando Durkheim disse que a atitude sociológica deve tratar os fenômenos como “coisas”, ele não estava dizendo que os fenômenos sociais são percebidos no domínio das “entidades” físicas, mas estudados livres dos preconceitos da atitude natural, que cria suposições ingênuas sobre como os fenômenos sociais são constituídos. Portanto, sua afirmação de que: “todos os preconceitos devem ser erradicados”, é da mesma importância metodológica que o ditado de Husserl: “para as coisas em si”. Em ambos, existe a ênfase na colocação entre parênteses da atitude natural, isto se quisermos ir além das aparências que funda a realidade (TIRYAKIAN, 1978, p. 42). *Tradução livre nossa*.

subjetividades, fundamentais para a manutenção da solidariedade e dos vínculos sociais — como ilustram, por exemplo, os rituais religiosos analisados em *As formas elementares da vida religiosa*.

Já na fenomenologia husserliana, a noção de *Lebenswelt* também deriva de representações sociais integradas à dinâmica do cotidiano. Schutz (1979, 2018), importante intérprete de Husserl e um dos principais expoentes da fenomenologia nas ciências sociais, identifica o que Husserl denominou “sedimentação do significado” (SCHUTZ, 1979, p. 74) como os processos de experiências conscientes do sujeito, intencionalmente acumuladas ao longo de sua trajetória de vida. Essa trajetória compõe o “estoque de conhecimento” (SCHUTZ, 1979, p. 74), adquirido na vida diária e continuamente reativado, permitindo ao sujeito acessar atos espontâneos armazenados na memória, essenciais à manutenção do conhecimento de si e dos outros.

Não obstante, embora Alfred Schutz tenha identificado na fenomenologia husserliana as bases para uma interpretação sociológica da vida cotidiana, não demonstrou a mesma afinidade em relação a Durkheim, ainda que reconhecesse sua relevância nas análises sobre cultura e religiões ditas “primitivas” (SCHUTZ; LUCKMANN, 2001).

As críticas de Schutz a Durkheim podem ser compreendidas, sobretudo, como dirigidas às tradições metodológicas que, em certa medida, se afastaram de investigações mais aprofundadas sobre a natureza abstrata e subjetiva da realidade social (SCHUTZ, 1979, 2018). Contudo, nos trabalhos de Tiryakian (1979, 2009), observa-se a indicação de um possível subdimensionamento do olhar fenomenológico na obra de Durkheim, especialmente no que diz respeito à sua atenção às dimensões subjetivas das relações sociais — aspecto que, possivelmente, não foi plenamente explorado por autores como Schutz.

No âmbito da tradição fenomenológica à qual Schutz estava vinculado, e sem desconsiderar a forte influência husserliana em seu pensamento, é possível compreender seu esforço teórico e metodológico no sentido de ampliar a fenomenologia às ciências sociais, sendo reconhecido como pioneiro nesse empreendimento.

Como enfatiza Luckmann (2001), seu discípulo mais proeminente, Schutz buscou, em diálogo constante com a filosofia — especialmente com a fenomenologia de Husserl — e com

a sociologia interpretativa de Weber, desenvolver e aplicar o método fenomenológico a uma “análise descritiva da formação do mundo da vida cotidiana e da experiência humana” (LUCKMANN, 2001, p. 8). Acrescente-se ainda a influência de Henri Bergson em seu pensamento, particularmente na compreensão do tempo vivido (*durée*), a partir do qual Schutz (2018, p. 83) concebe a experiência como “uma vivência decorrida, desvanecida, acabada, em suma, passada”. Trata-se de uma experiência que, ao ser lembrada, reconstrói o passado no presente, mediado pelas condições do cotidiano.

Se, até o momento, buscamos aproximar a sociologia durkheimiana da fenomenologia husserliana, foi com o intuito de relativizar o debate sobre a interpretação do mundo da vida, no qual se identificam, tanto na estrutura do fato social quanto na intencionalidade da consciência individual, elementos complementares para a compreensão dos significados da vida ordinária e das apreensões intersubjetivas do senso comum.

Por fim, vale destacar uma passagem de Durkheim, extraída de *As formas elementares da vida religiosa* (1989, p. 45-46), a fim de ilustrar seu pensamento metodológico e sua possível aplicação à interpretação da realidade fenomênica, particularmente no que se refere à dimensão intersubjetiva e simbólica da vida religiosa na consciência individual.

[...] Compreende-se desde então como a razão tem o poder de ultrapassar o alcance dos conhecimentos empíricos. Ela não o deve a uma virtude misteriosa qualquer, mas simplesmente ao fato de que, segundo uma fórmula conhecida, o homem é duplo. Há nele dois seres: um ser individual que tem a sua base no organismo e cujo círculo de ação encontra-se, por isso mesmo, estreitamente limitada, e um ser social que representa em nós a mais alta realidade, na ordem intelectual e moral, que possamos conhecer pela observação, ou seja, a sociedade. Essa dualidade da nossa natureza tem como consequência, na ordem prática, a irredutibilidade do ideal moral ao móbil utilitário, e, na ordem do pensamento, a irredutibilidade da razão à experiência individual.

O achado aqui apresentado situa-se para além das formulações epistemológicas clássicas que se opõem à confluência entre empirismo e racionalismo, evidenciando, como enfatiza Tiryakian em sua leitura de *As Formas Elementares*, um amadurecimento do pensamento de Durkheim ao reconhecer a importância da religião como fenômeno social suscetível a interpretações teóricas desvinculadas de julgamentos estritamente empíricos, ou seja, reduzidos apenas a experiência objetiva da observação indutiva. Nesse sentido, a religião é compreendida como um conjunto de valores essenciais ao desenvolvimento da

solidariedade, ao estreitamento dos vínculos afetivos e ao fortalecimento moral dos grupos humanos, que encontram no mundo da vida seu modo de existência social e de constituição como coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos demonstrar que o conceito de mundo da vida (*Lebenswelt*), desenvolvido por Husserl e posteriormente expandido por pensadores como Alfred Schutz, refere-se às experiências dos sujeitos no universo do cotidiano e aos significados que delas emergem. Tiryakian identifica, no mundo da vida, uma ponte entre o reino subjetivo da experiência pessoal e as estruturas objetivas analisadas por Durkheim, visando ao desvelamento das essências da consciência coletiva.

A aproximação entre Durkheim e Husserl, descrita por Tiryakian, procura delinear uma teoria da vida social capaz de reconciliar o estruturalismo positivista durkheimiano com a experiência subjetiva da *Lebenswelt* na fenomenologia husserliana. Esse olhar assume também um caráter crítico, considerando que, em meados do século XX, sociologia e filosofia encontravam-se divididas entre correntes epistemológicas voltadas à estrutura e à objetividade do mundo social (como em Durkheim) e aquelas orientadas à compreensão dos significados subjetivos da experiência individual (como em Husserl e seus intérpretes, a exemplo de Alfred Schutz).

Reiteramos que a síntese proposta por Tiryakian consiste em evidenciar elementos epistemológicos capazes de estabelecer um diálogo entre objetividade e subjetividade, como exercício metodológico de análise compreensiva das formas sociais, em consonância com as ações dos indivíduos e suas produções de significado.

Nesse sentido, ainda que exista certa “distância” metodológica entre tradições fenomenológicas, positivistas ou estruturalistas, é possível apontar a viabilidade de interpretar a realidade social a partir das experiências intersubjetivas construídas pelos atores sociais nos sedimentos de significados — como enfatiza Schutz (1979, 2018). Trata-se de um universo que se processa, muitas vezes, de modo aparentemente imperceptível ao plano objetivo da

consciência individual e que, possivelmente, motivou Tiryakian a reconhecer em Durkheim, não apenas o sociólogo da consciência coletiva subordinada ao “reino social”, mas também um pensador atento às ações e crenças individuais, articuladas às experiências projetadas na significação da *Lebenswelt*, anteriormente explorada por Husserl e fundamental aos pilares de sua fenomenologia.

REFERÊNCIAS

- DURKHEIM, Emile. **Sociologia e Filosofia**. São Paulo: Ícone, 1994.
- DURKHEIM, Emile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: *Martins Fontes*, 1999.
- DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo, *Martins Fontes*, 1989.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas**. São Paulo, Abril Cultural. 1975.
- HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa/Rio de Janeiro: Edições 70, 2000.
- LUCKMANN, Thomas. *Prologo*. In, **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.
- SCHUTZ, Alfred. Sobre múltiplas realidades. In, **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção - RBSE. V. 18, N° 52, Abril de 2019**. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>
- SCHUTZ, Alfred. **A construção significativa do mundo social: Uma introdução à sociologia compreensiva**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- SCHUTZ, Alfred e LUCKMANN, Thomas. **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.
- SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979.
- TIRYAKIAN, Edward. “*Emile Durkheim*”. In, Bottomore, Tom e Nisbet, Robert. **História da análise sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979
- TIRYAKIAN, Edward. **For Durkheim: essays in historical and cultural sociology**. Surrey/United Kingdom: Ashgate Publishing, 2009.

Tiryakian, Edward. "Durkheim and Husserl: A comparison of the spirit of positivism and the spirit of phenomenology" (ogy). In J. Bien (Ed.), **Phenomenology and the social sciences**. A dialogue. Martinus Nijhoff, (pp.20-43), 1978,

WAGNER, Helmut R. *Introdução: a abordagem fenomenológica da sociologia*. In, **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

